



CONTRIBUIÇÕES DA TRANSGERACIONALIDADE NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE DO SUJEITO

Andréa Moreira Maciel¹
Carla Oliveira Cruz Ribeiro²

Professor Examinador Convidado: Dr. Walter Ernesto Ude Marques

Resumo:

Transgeracionalidade está relacionada com a construção cotidiana de processos transmitidos de uma geração a outra, e que se mantêm intrinsecamente presentes e arraigados ao longo de toda a história familiar. O objetivo desta pesquisa é mostrar como a influência do que é transmitido pela família interfere na formação da personalidade daqueles que participam do sistema familiar. Os processos de compreensão destas influências, a partir da abordagem sistêmica e psicanalítica, poderão nos auxiliar no entendimento sobre as dinâmicas sociais e familiares, que permeiam as histórias de vida dos sujeitos a partir dessas transmissões geracionais, possibilitando assim, contribuir, enquanto psicólogos, e auxiliar a transformá-las, a partir desses aprendizados.

Palavras-chave: Transgeracionalidade, Personalidade, Família, Sujeito.

Abstract:

Transgenerationality is related to the daily construction of processes transmitted from one generation to another, and which remain intrinsically present and ingrained throughout the family history. The objective of this research is to show how the influence of what is transmitted by the family interferes in the formation of the personality of those who participate in the family system. The psychotherapeutic process, from a systemic approach, can help us to understand the social dynamics that permeate the life stories of our clients, thus making it possible to transform them. The processes of understanding these influences, from the systemic and psychoanalytic approach, can help us to understand the social and family dynamics that permeate the life stories of the subjects from these generational transmissions, thus making it possible to contribute, as psychologists, and help transform them, based on these learnings.

Key word: Transgenerationality. Personality. Family. Subject.

¹ Acadêmica de Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

² Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Salgado de Oliveira.

1 INTRODUÇÃO

A forma de agir, pensar e de se relacionar, as estruturas sociais constituídas, dentre outras questões da formação individual do sujeito, estão intimamente relacionadas ao contexto hereditário que é transmitido ao longo da sua trajetória de vida, a partir das relações familiares desenvolvidas, as quais influenciam no processo de transmissão e herança familiar. Para tanto, o entendimento dos processos de herança e de transmissão de legados familiares é de grande importância, uma vez que uma parcela da identidade de cada sujeito está atrelada a sua estrutura familiar, que se constitui por meio daquilo que é transmitido de pais e mães para seus filhos, sendo esse fenômeno intitulado de transgeracionalidade (BOTTON *et al.*, 2015, p. 44).

Na perspectiva psicanalítica, segundo Féres-Carneiro, Lisboa e Magalhães (2005, p. 117):

[...] a família pode ser entendida como um lugar de representações que permitem a continuidade da cultura e que constitui a subjetividade de seus membros, de modo que os conteúdos psíquicos circulam e perpassam gerações, sendo transformados ou não ao longo das novas configurações familiares.

A conceituação dos espaços psíquicos, inter, intra e transobjetivo foi denominada pela psicanalista argentina Janine Puget, assinalando a capacidade de representação do aparelho psíquico frente aos diferentes vínculos e sua incidência na realidade externa (CORREA, 2000, p. 64).

O espaço intersubjetivo é o da estrutura familiar inconsciente, na qual a angústia subjacente é a fusão narcisista que impede a inscrição na genealogia familiar. O espaço intransubjetivo, é “[...] o mundo fantasmático e o imaginário de cada sujeito, constituído pelas representações do eu corporal e dos vínculos inter e transubjetivos na ausência de percepções externas” (CORREA, 2000, p. 64). O espaço transobjetivo é o das “[...] representações do mundo externo real (social e físico) que o EU adquire desde o originário assim como pela mediação do superego e objetos parentais” (CORREA, 2000, p. 64). Sendo assim, para compreender a família é necessário

entender o que acontece nas gerações anteriores (MARTINS, 2005³, *apud* SILVA, 2018, p. 19). A transgeracionalidade consiste nos processos transmitidos de uma geração a outra, mantendo-se presentes ao longo da história familiar. Portanto, trata-se de padrões relacionais que se repetem, ainda que as pessoas envolvidas não percebam.

A teoria de Bowen (1998, p. 82), ressalta que:

[...] as pessoas carregam consigo sua família de origem e indica que os conflitos não resolvidos no contexto original tendem a se repetir nas demais relações interpessoais, o que significa que os níveis de diferenciação de self vão sendo transmitidos de geração a geração e influenciam a facilidade ou dificuldade das pessoas de se diferenciarem de seus pais para viver a própria vida.

A Teoria Sistêmica compreende o indivíduo como um ser inter-relacionado e parte de uma rede que se modifica continuamente. A família, sendo um sistema aberto e dinâmico em constantes interações com o meio, transforma-se para garantir o crescimento psicossocial de seus membros e para se adaptar às circunstâncias e aos estágios de transmissão presentes em seu desenvolvimento (ANDOLFI, 1989⁴, *apud* SILVA, 2018, p. 74).

A Teoria Sistêmica apresenta que o termo transgeracionalidade diz respeito aos diferentes padrões que tendem a ser transmitidos de pais para filhos, e podem ser percebidos na maioria das relações estabelecidas durante o ciclo vital (Wagner, 2005). Os aspectos transgeracionais contribuem com a formação da identidade do indivíduo e da família, bem como caracteriza o seu funcionamento com suas indiosincrasias e transações (FALCKE; WAGNER, 2005; PAIVA, 2009; REHBEIN; CHATELARD, 2013; WAGNER, 2005). Ainda sobre o termo transgeracionalidade, pode ser definido como a transmissão de modelos que passam de geração em geração por meio dos vínculos e continuam em vigor ao longo da história familiar (FALCKE; WAGNER, 2005).

³ MARTINS, E.M.A. **Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen.** 2005. 19. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2005.

⁴ ADOLFI, M. (1989). Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar. Porto Alegre: Artmed.

Diante da importância das relações estabelecidas com a família desde o nascimento, pode-se dizer que a partir delas se dão futuros comportamentos do indivíduo crescido (GROISMAN, 2000).

A transmissão de modelos relacionais de geração em geração parte do pressuposto de que todos os indivíduos possuem uma história prévia, tornando-se, portanto, “herdeiro e prisioneiro dela” (FALCKE; WAGNER, 2005).

Na tentativa de rejeitar determinados resultados obtidos a partir do modelo vivenciado na família de origem, o sujeito pode buscar, eventualmente, um padrão contrário ao familiar. Entretanto, é inevitável que tenha, em alguma medida, consequências similares às observadas em seu contexto de origem (FALCKE; WAGNER, 2005, *apud* SCHULZ; COLOSSI, 2020, p. 45).

O funcionamento dos membros de uma família é interdependente, de forma que a mudança em um subsistema afeta os demais (McGOLDRICK *et al.*, 2012). Essas mudanças contínuas são operadas conjuntamente e exigem redimensionamento e adaptação de cada membro do sistema familiar, sendo que a mudança no funcionamento de um membro é acompanhada por uma mudança compensatória de outros membros da família (BOWEN, 1998).

Para Silva (2018, p. 75):

O conceito de diferenciação de self é importante e equivale ao grau de maturidade emocional do indivíduo. O nível de diferenciação de um sujeito é influenciado pelo nível de diferenciação de seus pais e pelo tipo de relacionamento que tem com eles. A maneira como a vinculação emocional na vida adulta é tratada via facilitar ou dificultar que a pessoa se solte de seus pais.

Esses fatores podem favorecer a predição do grau de indiferenciação ou imaturidade que será absorvido pelo novo núcleo familiar formado (BOWEN, 1998, *apud* SILVA, 2018).

Clínicos e teóricos da terapia familiar, ancorados na perspectiva sistêmica, compreendem que as intervenções fundamentadas nessa abordagem se diferenciam de outras, por considerar os indivíduos ou os problemas por eles referidos de modo contextual, em que os padrões relacionais estabelecidos se integram ao longo do tempo através de processos circulares, ao invés de lineares (KUNG, 2000).

Dessa forma, existem duas modalidades de transmissão geracional: intergeracional e transgeracional. Na primeira ocorre entre as gerações, é entendida como um trabalho de ligações e de transformações, no qual a passagem de geração à outra é acompanhada por uma modificação daquilo que é transmitido. Isso implica uma receptação, um acolhimento daquilo que foi transmitido por aquele que recebe a transmissão (GRANJON, 2000⁵, *apud* SANTOS; GHAZZI, 2012, p. 641). Já a transmissão transgeracional, segundo Wagner (2014⁶, *apud* BELLO; MARRA, 2020, p. 119), esse fenômeno é constituído a partir de uma perspectiva histórica, dando identidade à família e explicando o significado das indiossincrasias, bem como das transações que caracterizam o funcionamento familiar da última geração. Segundo a autora:

De acordo com a perspectiva do fenômeno transgeracional, no decorrer da vida, os membros mais jovens de uma família serão atingidos por uma série de significados e valores transmitidos pela história das gerações antecedentes, o que decorre por meio das memórias, dos eventos, das tradições sociais e rituais dos pais ou dos avós, relatando acerca de relações e padrões de comunicação do passado. Portanto, a nova família constituída, ainda que não perceba, irá repetir padrões familiares presentes nas gerações anteriores (WAGNER, 2014, p. 98).

Apreende-se que a partir da análise dos estudos psicanalíticos contemporâneos, observa-se o crescente interesse suscitado por pesquisas direcionadas para transmissão psíquica transgeracional. Com isso, destaca-se que todo indivíduo nasce imerso em uma espécie de caldo inconsciente no qual se misturam acontecimentos reais e imaginários, verdades, fantasias e representações vividas por gerações que o antecedem. Este conteúdo fará parte da tessitura que constitui sua singularidade, suas escolhas amorosas e a composição da trama familiar (AZEVEDO, 2022). Com isso, a transmissão psíquica transgeracional pode ser compreendida como a repetição através das gerações que se configura pela insistência da cadeia significativa. A repetição do conteúdo ancestral clama por significado através das gerações, todavia, interroga sobre a possibilidade de identificação com uma representação desconhecida ou ocultada.

⁵ GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, O. (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, (2000). P. 17-43.

⁶ WAGNER, A. (2014). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares (pp.47-65). EDIPUCRS.

As ancestralidades real, simbólica e imaginária devem ser pensadas em articulação, posto que as vivências traumáticas encontram canais inconscientes de transmissão que quanto menos reconhecido for o significante, mais ele irá insistir. São os referenciais simbólicos que possibilitam a instauração da diferença entre as gerações e os lugares na família. Esses pontos de fragilidade expressos em termos de sintoma parecem indicar uma impossibilidade de representação simbólica (AZEVEDO, 2022).

Portanto, percebe-se a importância de investigar o tema no cenário atual, percorrendo caminhos que forneçam maiores subsídios para a prática e para a interlocução das diversas abordagens com outros campos do saber. Dessa forma, torna-se imprescindível refletir acerca da transmissão geracional e como esta interfere no papel das identificações, posto que este é um dos mecanismos fundamentais para constituição psíquica. Assim, o presente estudo, objetiva analisar as contribuições da transgeracionalidade na formação da personalidade do sujeito.

2 MÉTODO

Esta pesquisa trata de um estudo de revisão de literatura, fundamental para a elaboração de um texto científico, pois propicia o encontro de pesquisas com similaridades, assim como análise da metodologia utilizada. A revisão permite aos pesquisadores a elaboração de textos a partir de uma perspectiva histórica sobre determinado tema, tanto em nível nacional, quanto internacional, dependendo da abrangência, exigindo assim expertise como condição básica para o crescimento de pesquisas sobre a área de estudo (DORSA, 2020).

A revisão da literatura é entendida como um processo que requer o desenvolvimento de uma síntese pautada em diferentes tópicos, capazes de proporcionar uma ampla visão sobre o conhecimento, sendo este, o primeiro passo para a construção do conhecimento científico, pois é desta forma que novas teorias surgem, bem como são reconhecidas lacunas e oportunidades para o surgimento de pesquisas num assunto específico (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A revisão integrativa possibilita a inclusão das evidências na prática clínica, pois também é um método de pesquisa utilizado na Prática Baseada em Evidências que tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um determinado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado, permite ao pesquisador aproximar-se da problemática que deseja apreciar, traçando um panorama sobre a sua produção científica, de forma que possa conhecer a evolução do tema ao longo do tempo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Assim, o presente estudo trata de uma revisão integrativa que foi utilizada como método de estudo para analisar a produção científica acerca das contribuições da transgeracionalidade na formação da personalidade do sujeito.

Dessa forma, para o desenvolvimento do estudo, realizou-se no primeiro momento a elaboração da questão problema, a qual se refere aos elementos da interlocução das contribuições da transgeracionalidade na formação da personalidade do sujeito, sendo formulada uma pergunta para nortear a pesquisa: Como a transgeracionalidade contribui na formação da personalidade do sujeito?

Posteriormente foi estabelecida uma estratégia de buscas de artigos na literatura a partir da pesquisa com palavras-chave, sendo a estratégia de pesquisa composta pela seguinte expressão: transgeracionalidade, personalidade, herança genética, família. Para tanto, foram considerados como critérios de inclusão: publicações em periódicos nacionais e internacionais, escrita em língua portuguesa e espanhol, no período dos últimos 15 anos, sendo artigos qualificados de acordo com QUALIS entre A1 e B3 e publicados em periódicos disponíveis no Brasil. Foram excluídos: editoriais, artigos de opinião e artigos de revisão.

A busca ocorreu nas bases de dados PEPISIC, LILACS e SCIELO no período de maio de 2022. Realizou-se a leitura criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chave de todas as publicações previamente selecionadas, posteriormente foi verificada sua adequação aos critérios de inclusão do estudo.

A metodologia dos estudos foi analisada de forma crítica e atenta, após a procura das evidências nos textos e também, da análise e exame dos mesmos. Posteriormente,

realizou-se a interpretação dos resultados apresentados, equivalendo ao intuito buscado na pesquisa, de modo a comparar a base de conhecimentos científicos com a análise crítica realizada, determinando ideias e as conclusões acerca do estudo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Dessa forma, os textos inicialmente encontrados foram selecionados e aplicados os respectivos critérios de inclusão e exclusão restando 06 textos para serem analisados. Para tal, realizou-se a leitura de título e resumo, e em seguida, foram lidos integralmente. Assim, o corpus do estudo foi composto por 06 produções científicas, as quais possuem fundamentação em referenciais teóricos como da psicanálise e teoria sistêmica. (**Quadro 1**).

QUADRO 1 – TEXTOS INVESTIGADOS

Títulos dos artigos	Autor(es)	Anos das publicações	Periódicos
Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: Um estudo de caso clínico	Edmara Giordani Camicia; Stefay Bischoff da Silva; Beatriz Schmitdt	2016	PEPSIC
Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações	Júnia Denise Alves Silva	2018	SCIELO
A transmissão transgeracional dos modelos conjugais	Cassiana Schulz; Patrícia Manozzo Colossi	2020	PEPSIC
O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos	Laura Dal Bello, Marlene Magnabosco Marra	2020	PEPSIC
Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero	Andressa Botton; Sabrina Daiana Cúnico; Mariana Barcinski; Marlene Neves Strey	2015	PEPSIC
Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura	Mauro Pioli Rehbein; Daniela Scheinkman Chatelard	2013	SCIELO

Fonte: Base da pesquisa (2022).

Por fim, realizou-se a categorização dos estudos selecionados, a fim de sumarizar e documentar as informações extraídas dos artigos científicos selecionados. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008) nesse momento o pesquisador tem como objetivo organizar e sumarizar as informações de maneira concisa, formando um banco de dados de fácil acesso e manejo. Feito isto, procedeu-se com a análise e interpretação dos resultados com o intuito de discutir os artigos selecionados, e elaborada uma síntese do conhecimento produzido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O **Quadro 1** sintetiza os arranjos das respectivas publicações científicas adotadas.

QUADRO 1 - ARRANJO SINTÉTICO DAS PUBLICAÇÕES

Textos	Objetivos	Métodos	Resultados	Conclusões
01	Analisar o estudo de caso clínico sobre a terapia sistêmica individual de uma jovem adulta, realizado em clínica-escola de psicologia.	Estudo de natureza qualitativa que consiste em um estudo de caso clínico, no qual relata-se o processo de terapia sistêmica individual de Laura (30 anos), em clínica-escola de uma instituição de ensino superior do Sul do Brasil, durante os meses de outubro de 2014 e junho de 2015. Ocorreram, no total, 23 sessões. Os atendimentos foram realizados na modalidade de coterapia, em sala de espelho unidirecional, com presença de equipe reflexiva e supervisão ao vivo. As sessões eram semanais, com duração aproximada de 45 minutos. Adicionalmente, nos 15 minutos pré e pós-sessão, a dupla de terapeutas e os membros da equipe reflexiva realizavam a discussão do caso. Laura residia com a filha, Alice (cinco anos), e o companheiro, Marcelo, em uma configuração familiar recasada. No intuito de organizar os dados referentes à família de Laura, no momento inicial da terapia sistêmica individual, confeccionou-se o genograma familiar e utilizou-se a técnica de <i>workshop</i> com fotografias, que consiste na seleção, pelo cliente, de imagens que ele considera importantes da sua história de vida e que deseja compartilhar com o terapeuta.	Com base nos principais aspectos tratados na terapia sistêmica individual, pode-se perceber a dificuldade de confiar e o medo do abandono, que perpassavam questões do desenvolvimento individual e transgeracionais, consistiram em temáticas recorrentemente tratadas nas sessões. Assim, buscou-se compreender os padrões de relacionamento familiar que se repetiam nas gerações, o quanto eles poderiam repercutir na vida presente de Laura, no sentido de ela sofrer consequências por deixar de seguir um modelo pré-estabelecido. As reflexões promovidas no processo de terapia propiciaram retomar experiências da trajetória de vida pregressa da cliente e da história transgeracional de sua família, analisar como essas experiências se atualizavam nas suas relações contemporâneas e ressignificá-las, no sentido de (re)orientar práticas parentais presentes e futuras. Compreende-se que também foi possível estabelecer fronteiras mais nítidas entre o subsistema conjugal, composto por Laura e Marcelo, e os demais subsistemas familiares.	Foram priorizados, sobretudo, aspectos transgeracionais, de forma a oferecer uma visão geral dos atendimentos, ao longo dos oito meses de terapia. Conforme requer o pensamento e a prática sistêmica, o tratamento considerou a cliente no contexto da sua rede de relacionamentos e experiências, enfatizando os significados que ela atribuía a esses eventos, para favorecer que fossem reajustados no sentido de se tornarem mais coerentes e adaptativos. Assim, trabalhou-se na perspectiva da promoção da qualidade de vida e de relacionamentos mais saudáveis, particularmente no que tange à família de origem, à conjugalidade, à coparentalidade e às práticas parentais.

Textos	Objetivos	Métodos	Resultados	Conclusões
02	Investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares.	A pesquisa foi dividida em dois estudos, o primeiro trata-se de uma análise documental e o segundo um estudo empírico. O primeiro contou com um <i>corpus</i> de 102 artigos nacionais e internacionais que discutiram a transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares entre as gerações. Para o mesmo, as famílias apresentam modos variados de transmitir conteúdos entre as gerações, reforçando a ideia da preexistência de uma história transmitida como um legado familiar e que entrelaça o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da família. O segundo refere-se a um estudo de casos múltiplos investigou o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares. Entrevistas individuais e genogramas foram utilizados para investigar duas famílias, a partir da perspectiva sistêmica. Participaram seis mulheres de três gerações, com idades entre 28 e 90 anos.	Por vezes, a autora traz reflexões ancoradas na perspectiva psicanalítica e em outras na teoria sistêmica. Na primeira produção destacaram os seguintes temas: a família como meio privilegiado de transmissão; aprendizagem de práticas educativas em família; influência familiar na construção dos vínculos afetivos; papel do casamento e processos de adoecimento. No artigo, observou-se a influência familiar no vínculo conjugal, a construção dos papéis femininos e a transmissão das heranças familiares. Os mecanismos para a transmissão dos significados do casamento foram a aprendizagem de comportamentos ligados ao feminino, compartilhamento de experiências cotidianas, tradições familiares e padrões relacionais reforçados na família e socialmente. Expectativas anteriores ao matrimônio e a bagagem trazida das famílias de origem foram evidenciadas nos papéis sociais e resolução de conflitos.	Na produção inicial, é possível apreender que as famílias apresentam modos variados de transmitir conteúdos entre as gerações, reforçando a ideia da preexistência de uma história transmitida como um legado familiar e que entrelaça o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da família. Em contrapartida, a produção seguinte, possibilitou apreender que as questões transgeracionais e de gênero são fundamentais para entender a transmissão de conteúdos como uma maneira de manter o legado familiar.
03	Analisar padrões transgeracionais expressos na conjugidade de um casal em primeira relação conjugal, com até cinco anos de convivência, residente do RS.	Pesquisa de natureza qualitativa na qual participou um casal heteroafetivo residentes de uma cidade do interior do RS, eles conviviam em uma primeira relação conjugal de união estável há dois anos e quatro meses. A seleção ocorreu por conveniência, a partir de indicação de pessoas conhecidas da pesquisadora principal, mas sem qualquer vínculo pessoal, profissional e/ou social. Para a coleta de dados foram utilizados: questionário de dados sociodemográficos, entrevista semiestruturada com o casal e entrevista semiestruturada individual com os cônjuges. Os dados foram analisados à luz da compreensão sistêmica da família, com base na escola transgeracional de terapia familiar. O estudo obteve aprovação do comitê de ética em pesquisa.	Os resultados referiram a individuação dos sujeitos, os aprendizados familiares e adaptação conforme suas demandas individuais e conjugais, revelando-se um aspecto funcional. Os padrões da relação mostraram-se positivos, já que o casal investigado se mostrou disponível à transformação dos padrões familiares qualificando a relação atual.	O presente estudo pode auxiliar profissionais de diferentes áreas do conhecimento que atendem casais e famílias nos diferentes níveis de prevenção para a compreensão dos casos e possível intervenção.

Textos	Objetivos	Métodos	Resultados	Conclusões
04	<p>Demonstrar a influência do fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos, tendo como base as histórias de Felipe e Paula.</p>	<p>Estudo de natureza qualitativa, no qual desenvolveu-se um estudo de caso clínico, pois os estudos de caso contribuem para a compreensão detalhada de fenômenos complexos, em uma perspectiva do mundo real e holística. Para tanto, utilizou o genograma como ferramenta de coleta de dados, uma das técnicas mais importantes da terapia boweniana. O caso clínico refere-se a atendimentos de terapia de casal, com abordagem sistêmica, em sessões mensais, com duração de uma hora e trinta minutos cada. Transcorreu-se o total de nove sessões, entre novembro de 2018 e junho de 2019, sendo sete na presença de ambos os cônjuges e duas sessões individuais, uma com cada um deles. Não havia um roteiro pré-estabelecido, entretanto, aconteceram intervenções por parte da terapeuta durante as narrativas do casal.</p>	<p>Ancorado nos pressupostos da teoria sistêmica, o estudo propõe que durante as sessões de terapia de casal, foi trabalhado, entre outros temas, o conceito de diferenciação do <i>self</i>, possibilitando ao casal o entendimento acerca da origem de seus problemas conjugais, os quais emergiram após o nascimento das filhas. Como consequência, o casal pôde vivenciar mudanças evolutivas na relação conjugal, confirmando o que a terapia boweniana diz sobre o entendimento ser o veículo de cura. Sob a perspectiva transgeracional, a escolha do cônjuge seria entendida como uma tentativa de busca de equilíbrio no relacionamento com a família de origem e de revisão de questões do passado que não estariam bem resolvidas desde a infância. As experiências vividas com as figuras significativas do mundo familiar vão sendo gravadas no indivíduo. Essas experiências, que envolvem a cultura, a moral e os valores das gerações anteriores, vão influenciando, sem que o sujeito perceba, as suas decisões e as suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais, entre outras. Figurativamente, seria como se todas as pessoas tivessem vozes familiares gravadas no seu interior. No entanto, a diferença de uma pessoa para outra estaria na quantidade, na intensidade e no grau de compreensão, ou mesmo, no volume dessas vozes. Felipe e Paula decidiram abaixar o volume dessas vozes e viver uma história diferente daquela dos seus pais.</p>	<p>Sob o olhar sistêmico, foi possível observar que Felipe e Paula conseguiram avançar quanto às queixas iniciais que lhes fizeram buscar ajuda terapêutica e o quanto a terapia de casais foi eficaz para se trabalhar a relação conjugal e a diferenciação de suas famílias de origem. Agora, alcançando a diferenciação do <i>self</i>, poderão ter maior autonomia na maneira de conduzir a família nuclear e seus subsistemas. Por sua vez, o genograma mostrou-se ferramenta eficaz para se obter informações e enriquecer as narrativas dos pacientes através de uma representação visual e gráfica do sistema familiar, permitindo que o casal entendesse o contexto familiar transgeracional que se encontrava inserido, vertical e horizontalmente. Esse entendimento proporcionou que mudanças pudessem ocorrer, resultando em uma melhor demarcação de fronteiras conjugais e parentais, bem como no desempenho dos devidos papéis. O casal compreendeu e optou por não mais copiar das gerações anteriores o modelo de paternidade e de conjugalidade que outrora vinham cegamente obedecendo.</p>

Textos	Objetivos	Métodos	Resultados	Conclusões
05	Refletir sobre os aspectos do fenômeno transgeracional em relação aos estereótipos de gênero, isto é, às construções sociais que discorrem sobre quais seriam os papéis adequados aos homens e às mulheres	Trata-se de uma revisão de literatura que, segundo a <i>American Psychological Association</i> (APA, 2010) preocupa-se em reunir materiais já publicados sobre determinado assunto e avaliá-los criticamente, levando em consideração o desenvolvimento da temática escolhida. Assim, este estudo fornece ao leitor uma sumarização de estudos prévios relacionados às temáticas de gênero, transgeracionalidade e desenvolvimento de papéis parentais, bem como identificar qual o estado em que tais conteúdos encontram-se no âmbito acadêmico (HOHENDORFF, 2014).	As noções apreendidas dentro da família a respeito dos papéis de gênero são mantidas, visto que meninos e meninas tendem a imitarem mais os seus iguais do que os do outro sexo, baseando-se tanto na observação direta quanto na interpretação que fazem do que é esperado, permitido e consentido para cada papel de gênero. São as experiências socializadoras dos indivíduos, em especial aquelas mantidas no ambiente familiar, que definirão as possibilidades e limites de suas trajetórias. Isto porque a educação e a transgeracionalidade são fenômenos que se encontram intrinsecamente ligados em função da necessidade de cada geração transmitir aquilo que considera fundamental para a continuidade de seu legado. É neste contexto que enfatizamos que o indivíduo é produto dos valores, normas e regras que recebe da família, bem como da influência de todo o contexto que a instituição familiar está inserida. A transmissão transgeracional contribui para a formação da identidade do indivíduo, além de influenciar o modo como ele experimentará e atuará no mundo por meio das relações que estabelece.	A partir de uma abordagem de gênero, o fato de que as relações desiguais entre homens e mulheres no cenário familiar implicam na reprodução de relações de poder em que há um opressor – geralmente, o masculino, e um oprimido, geralmente o feminino, sendo que tais nuances nas relações entre o casal e seus (as) filhos (as), ficam aparentes para as crianças através das vivências e exemplos transcorridos no cotidiano. Além disso, não é necessário que as diferenças entre os dois sexos sejam ensinadas aos (as) filhos (as), já que elas são apreendidas de forma natural na convivência e são transmitidas transgeracionalmente. Isto fica evidente em famílias em que a mãe é a única responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, assumindo seu papel naturalizado de cuidadora (mesmo que trabalhe fora desdobrando-se, assim, nas múltiplas jornadas), enquanto o pai ainda mantém a posição de responsável pelas decisões familiares.

Textos	Objetivos	Métodos	Resultados	Conclusões
06	Apresentar as principais correntes teóricas da transgeracionalidade psíquica que emergiram na psicanálise, bem como destacar as diferentes categorias conceituais que as delimitam e as caracterizam.	Discussão objetiva a partir de textos publicados em revistas científicas nacionais, encontrados na base de dados do <i>SCIELO</i> , <i>LILACS</i> e <i>PEPSIC</i> , assinalando a predominância ou tendência de correntes e dos conceitos aplicados. Para tanto, descreve-se a definição da transmissão psíquica geracional, suas características e delimitações teóricas. Faz-se menção aos principais textos de Freud, os que fundamentam essa metapsicologia, que são retomados pela escola Húngara, Ferenczi e Balint, e também disseminados por seus representantes, Abraham e Tórok, na França. Estes, por sua vez, desenvolvem novos conceitos psicanalíticos na temática da transgeracionalidade psíquica na década de 1970, influenciando sobremaneira o denominado Quarto Grupo de Psicanálise.	Fundamentação teórica psicanalítica da metapsicologia de Freud com a articulação das teorias da transmissão psíquica geracional com a psicanálise lacaniana e com os construtos produzidos pelo Quarto Grupo. A família, por meio das gerações e alianças, é o lugar e o aparelho da transmissão psíquica, da herança recebida e formadora dos seus componentes, cada qual com um lugar na cadeia das gerações. A realidade psíquica deste grupo e dos sujeitos que a compõem, com as formações e processos do inconsciente que a mobilizam neste espaço, constituem as suas características, sua identidade e o perpetuar-se. A articulação dos diferentes espaços psíquicos remete à formação de um aparelho psíquico familiar e ou grupal, complexo e composto, denominado de envelope, que organiza espaço e tempo próprios, além de constituir funções. O encontro de um casal, da genealogia de cada um com as falhas, buracos, malogros da filiação, fazendo fracassar os processos que os metabolizariam resultam no chamado “envelope genealógico familiar”.	Os autores que trabalharam na vertente psicanalítica lacaniana privilegiaram, na transmissão psíquica geracional, o simbólico, a cadeia significante, o inconsciente e, especialmente, a relação mãe-bebê, ou os pais, cuidadores e o bebê, no espaço intersubjetivo. Entretanto, o não dito, o não simbolizado, também se constitui em lugar comum da transmissão geracional nas relações familiares, seja no espaço transubjetivo, seja no intersubjetivo, e a sua repetição perpassa todas as correntes, contribuindo com os diferentes constructos. O sujeito pode transmitir aquilo que recebeu de seus ascendentes, mas para fazer a diferença na transmissão, “deverá” conquistar uma nova posição discursiva.

Fonte: Base da pesquisa (2022)

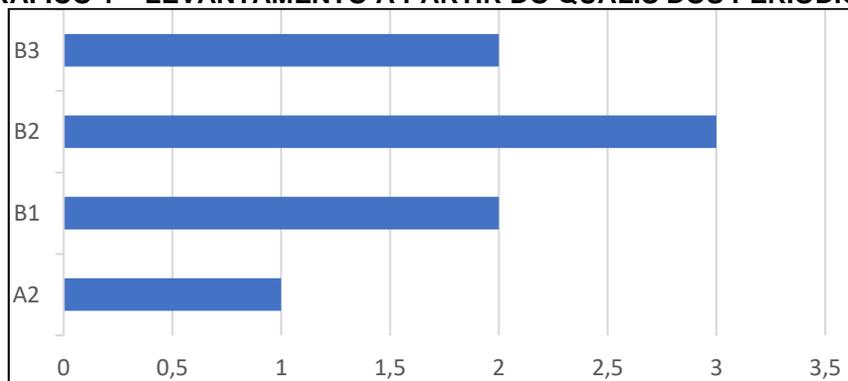
3.1 Perfil das publicações

As análises das temáticas investigadas por intermédio dos artigos selecionados possuem uma periodicidade relevante nos últimos 15 anos.

Percebeu-se uma maior incidência de publicações de artigos sobre a temática nos anos de 2015 e 2020; por outro lado, no ano de 2013 foi o de menor incidência de artigos publicados.

Acerca da classificação das revistas de acordo com o Qualis estabelecido, destaca-se que há uma predominância da classificação tipo B, em especial B2, que corresponde a 37,5% das publicações, sendo apenas 01 (uma) publicação com classificação A, predominantemente A2 (12,5%) (**Gráfico 1**).

GRÁFICO 1 – LEVANTAMENTO A PARTIR DO QUALIS DOS PERIÓDICOS



Fonte: Base da pesquisa (2022)

3.2 Dimensões da transgeracionalidade na formação da personalidade do sujeito

Desde a concepção, a pessoa é marcada pelos ideais e expectativas da família de origem, o que pode acarretar interferência no seu desenvolvimento, e que ressalta na atuação da família como transmissora de valores, significados e percepções que permitem a construção da subjetividade (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016).

Analisar a transferência de conteúdos entre as gerações da família possibilita caminhar acerca das considerações sobre o processo de constituição psíquica das pessoas e suas consequências, partindo do pressuposto que esse processo teve início antes mesmo do nascimento da criança. Cada indivíduo dá continuidade a um histórico familiar que envolve gerações e a partir do qual herda carga genética e acontecimentos significativos experienciado por seus familiares, sejam eles simbolizados ou não (SANTOS; GHAZZI, 2012).

Nesse sentido, o estudo de Silva (2018) discutiu possíveis modos pelos quais os padrões familiares e conjugais podem ser transmitidos entre as gerações, como os segredos, os rituais familiares e até mesmo a linguagem oral. Os segredos (silenciamento, não ditos) demonstram-se como uma maneira possível de transmissão ao se considerar que não revelar um conteúdo também é uma maneira de destacar o que ainda não foi elaborado psicologicamente (SILVA, 2018).

Já a linguagem oral destaca-se como um dos mecanismos utilizados para transmitir histórias familiares. Esse processo reforça sentimentos de pertencimento à cultura e participa da construção das identidades das pessoas sem esquecer as raízes familiares. Assim, a família é tida como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos entre as gerações, como valores, significados e percepções, além de seu papel fundamental na construção da subjetividade dos membros do grupo (SILVA, 2018).

Dessa forma, a partir da análise do material selecionado neste estudo, foram apresentadas algumas dimensões nas quais foi possível apreender os atribuídos da transgeracionalidade para a conformação da personalidade do sujeito e a influência desses aspectos na vida do indivíduo.

3.2.1 Dimensão conjugal

Compreender a transmissão transgeracional de significados sobre a conjugalidade é entender que se trata de um fenômeno que acontece na família e na interlocução de seus subsistemas (casal, pais e filhos, irmãos, avós-pais-filhos, entre outros). Sendo a relação conjugal união de dois sistemas complexos que originam um novo sistema, que é constituído pela interação de duas individualidades e do que cada cônjuge carrega da experiência que teve em sua família de origem (McGOLDRICK, 2011). Faz-se necessário compreender o casamento como uma instituição social que envolve transformações históricas, socioeconômicas e políticas, além de se instituir na interdependência das relações familiares e do contexto social mais abrangente (COELHO, 2012).

A transmissão transgeracional de lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, ritos ou rituais e legados possibilita que a história familiar se perpetue, passando gerações e fornecendo padrões de comportamentos, sejam esses modelos para serem seguidos ou evitados pelas gerações seguintes. Nesse sentido, a perspectiva sistêmica viabiliza fundamentar essas discussões transgeracionais, considerando sua visão dinâmica e de circularidade sobre os processos de constantes interações entre as pessoas e o meio, o que permite o entendimento das construções familiares e sociais, que também são dinâmicas (SILVA, 2018).

A etapa de união das famílias por meio do casamento não resulta apenas em unir duas pessoas, mas sim transformar dois sistemas diferentes de maneira a comprometê-los com o novo casal constituído e alterar sua organização. Para tal, faz-se necessário um redimensionamento do sistema familiar e uma ampliação dos papéis exercidos. Além disso, é possível que as vivências com as próprias famílias de origem influenciem a escolha do parceiro e o equilíbrio da conjugalidade (McGOLDRICK, 2011).

É sabido que os primeiros anos da vida a dois caracterizam-se por tensão e necessidade de adaptação, a diferenciação das famílias de origem se faz primordial em termos da consolidação da conjugalidade, muito embora elas continuem como modelo de referência para o jovem casal (HECKLER; MOSMANN, 2014). Isso se deve ao fato de que o matrimônio não está

circunscrito exclusivamente aos vínculos estabelecidos por duas pessoas; ele envolve ainda o contexto ecossistêmico mais amplo de inserção do casal (SCHMIDT *et al.*, 2015).

Ao analisar a expressão dos padrões transgeracionais na relação conjugal, pode-se apreender que o casal participante do estudo tem seus padrões predominantemente claros na relação marital, tendo se mostrado capazes de analisar os padrões advindos da infância e, de maneira seletiva, definindo prioritariamente em conjunto as heranças que devem ser reproduzidas na relação por eles construída. Assim, o casal em destaque se mostra flexível no que se refere à aceitação dos padrões trazidos pelo companheiro, revelando a capacidade de refletir sobre o que pode e deve, ou não, ser perpetuado na relação atual (SCHULZ; COLOSSI, 2020).

Quanto aos fatores positivos e negativos da repetição transgeracional, foi possível apreender que os participantes expressam predominantemente de maneira positiva, visto que referem como organizador na maior parte das vezes. Entretanto, considerando a qualidade dinâmica da relação conjugal, em alguns momentos apresenta-se de forma negativa, já que não se excluem conflitos frente aos padrões que não têm sido transformados, mesmo quando considerados pelos parceiros como desnecessários (SCHULZ; COLOSSI, 2020).

Dessa forma, o trabalho de Bello e Marra (2020) analisou momentos das sessões de terapia de casal na qual havia uma busca inconsciente dos participantes pelos padrões transgeracionais, na tentativa de resolver os conflitos estabelecidos. Ambos expressaram o desejo pelo divórcio como alternativa aos problemas conjugais. Contudo, ao visualizarem as histórias de seus ancestrais por meio do genograma, narrativas e intervenções por parte da terapeuta durante as narrações do casal, começaram a perceber e reconhecer as semelhanças, confirmando-se o que Bowen (1998) diz sobre o entendimento ser o veículo de cura, na medida em que os atores vão conhecendo mais sobre si e sobre seus relacionamentos (BELLO; MARRA, 2020).

Com isso, destaca-se o genograma como uma eficaz ferramenta para se obter informações e enriquecer as narrativas dos pacientes através de uma representação visual e gráfica do sistema familiar, permitindo que o casal entendesse o contexto familiar transgeracional que se encontrava inserido, vertical e horizontalmente. Esse entendimento proporcionou que mudanças pudessem acontecer, culminando em uma melhor demarcação de fronteiras conjugais e parentais, bem como no desempenho dos devidos papéis (BELLO; MARRA, 2020).

A partir do olhar sistêmico, foi possível observar que os cônjuges conseguiram avançar quanto às queixas iniciais que lhes fizeram buscar ajuda terapêutica e o quanto a terapia de casais foi eficaz para se abordar trabalhar a relação conjugal e a diferenciação de suas famílias de origem. Agora, alcançando a diferenciação do self, conseguirão ter maior autonomia na maneira de conduzir a família nuclear e seus subsistemas (BELLO; MARRA, 2020).

Destaca-se o papel do casamento como um evento que pode atualizar heranças familiares, pois exige que as individualidades se reorganizem, de modo a potencializar o desenvolvimento da identidade conjugal, sendo que esse processo envolve as bagagens que os cônjuges carregam de seu contexto familiar.

É necessário desenvolver trabalhos com o pressuposto de promover um aperfeiçoamento da qualidade de vida e de relacionamentos mais saudáveis, principalmente, no que se refere à família de origem, à conjugalidade, à coparentalidade e às práticas parentais (CAMICIA; SILVA; SCHMIDT, 2016). Para tanto, destaca-se a história transgeracional das famílias, as transformações influenciadas pelo cotidiano dos casais, das gerações e das demandas individuais como aspectos facilitadores da compreensão da influência familiar na atribuição de significados à conjugalidade, o que se mostra importante pelo reflexo direto que os grupos familiares exercem na organização da sociedade (SILVA, 2018).

O estudo de Silva (2018) ressaltou a influência da família na construção do vínculo conjugal pelas participantes e no processo de escolha do cônjuge, ambos envolvidos por mensagens transmitidas transgeracionalmente pelas gerações antecedentes. Os legados familiares apresentaram-se como pontos comuns de partida, a partir dos quais as entrevistadas traçaram caminhos no sentido de manter o que consideraram como influência positiva em sua experiência familiar e transformar ou evitar o que consideraram negativo (SILVA, 2018).

Foi possível apreender que o casamento é uma experiência transmitida transgeracionalmente, em consonância com a literatura, tanto no campo da abordagem sistêmica, quanto psicanalítica, uma vez que foram identificadas continuidades e rupturas entre as gerações entrevistadas por Silva (2018) sobre as práticas conjugais e familiares, como um espaço maior às individualidades e uma despadronização das trajetórias de vida, de modo que os pais foram considerados importantes referências sobre conjugalidade e família, mesmo que esses modelos tenham sido repetidos, transformados ou evitados (SILVA, 2018).

Assim, ressalta-se a influência da herança familiar sobre os padrões relacionais transmitidos transgeracionalmente. Entre os mecanismos encontrados para a transmissão dos significados do casamento entre as participantes do estudo, segundo Silva (2018), estão a aprendizagem, o exercício e o reforço de comportamentos ligados aos papéis de gênero, especialmente para as mulheres, o compartilhamento de muitas dessas experiências no cotidiano familiar, o reforço e concentração delas nas tradições familiares, além da comunicação verbal direta ou informal do que seria valorizado na família e socialmente por meio de padrões relacionais ligados a lealdades, valores, crenças, segredos e rituais compartilhados pela família (SILVA, 2018).

Apreende-se que as trajetórias afetivas são repetidas inconscientemente como forma de sobrevivência e de preservação dos elementos psíquicos compartilhados pelo grupo familiar, de forma que, ao longo da vida, as pessoas terminam por repetir os padrões de relacionamento experienciados na relação parento-filial e do que foram identificados na relação conjugal dos próprios pais (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2012).

Acerca da transgeracionalidade, a transmissão de comportamentos conflituosos em relacionamentos românticos entre pais e filhos afeta consideravelmente a qualidade dos relacionamentos desses jovens. Essa associação pode ser explicada pela obtenção de competências sociais (como emoções, esquemas e traços) que são alcançadas durante a infância na família de origem que, por sua vez, interferem na interação com parceiros românticos na fase adulta (SIMONS *et al.*, 2014).

No contexto da ruptura matrimonial, a transmissão intergeracional revela que, em comparação aos filhos de pais não divorciados, os pais divorciados geralmente têm atitudes mais negativas em relação ao casamento como instituição e são menos otimistas quanto à viabilidade de um casamento saudável e duradouro, o que interfere na maneira como os adultos cujos pais se divorciaram, ao entrarem em um casamento, tenham, muito das vezes, menos compromisso de relacionamento pessoal e menos confiança em sua própria capacidade de manter um casamento feliz com seu cônjuge (WHITTON *et al.*, 2008).

Dessa forma, é possível apreender que os pais são importantes referências para a construção dos vínculos afetivos dos filhos ao longo da vida, sendo que essa influência pode repercutir na construção ou dissolução de relacionamentos amorosos e nas relações parento-filiais atuais e futuras, reforçando o papel formador das figuras parentais (SILVA, 2018).

A partir da análise dos artigos selecionados, onde foi possível perceber o quão intrínsecos são os aspectos da transgeracionalidade no que concerne a formação da estrutura matrimonial, na qual os sujeitos envolvidos estão permeados por um arcabouço histórico, familiar, social e afetivo que adquiriram durante as experiências parentais, confirmando a hipótese estabelecida.

3.2.2 Dimensão parental

A família é considerada como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos entre as gerações, como valores, significados e percepções, além de seu papel fundamental na construção da subjetividade dos membros do grupo (SILVA, 2018). Os rituais familiares se destacam na temática da transgeracionalidade por reforçarem os padrões de comportamento e as normas sociais moralmente significativos por meio da vinculação emocional entre esses comportamentos ritualizados na família e os valores compartilhados pelo grupo (ROSSANO, 2012).

Um dos termos científicos utilizado para se referir ao aprendizado transgeracional nos contextos íntimos em que a criança se desenvolve é o de *habitus* primário, que define os valores e crenças familiares que influenciam os modos de se comportar, ser e viver das crianças, desde as suas primeiras interações no mundo ou até antes do seu nascimento (GOMES, 2000). Esse é um aprendizado que se dá de forma natural no seio familiar, permitindo que as crianças construam aspectos da sua identidade, como gostos, aspirações, autoimagem e autoestima, e que servirão de base para o aprendizado dos *habitus* secundários, os quais influenciam integralmente a percepção de todas as experiências de vida do indivíduo, como as que se referem ao gênero, à raça e à etnia, à orientação sexual, à classe social, etc. (GOMES, 2000). Dessa forma, padrões familiares são os modos de funcionamento das famílias, exibidos em informações estruturais, relacionais e funcionais sobre o grupo, sendo que estes padrões costumam se repetir entre seus membros por diversas gerações. Modos de funcionamento adaptativos ou mal adaptativos ou mesmo formas de lidar com os problemas podem ser transmitidos de uma geração a outra, sem a necessidade de ocorrer de forma linear, ou seja, o problema pode acontecer na geração de um pai e se repetir somente com seus netos (McGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012).

Nesse sentido, têm-se os mecanismos envolvidos nas continuidades do comportamento parental ao longo das gerações. Uma hipótese considerada pelos autores para explicar a transmissão intergeracional da parentalidade, propôs que as crianças desenvolvam características na infância que estimulam

a continuidade intergeracional das duras práticas educativas parentais. Por exemplo, a paternidade hostil da primeira geração investigada previu o comportamento agressivo da segunda geração durante a infância que, por sua vez, estavam ligados a níveis mais elevados de parentalidade hostil dessa geração 30 anos depois, durante as interações com seus próprios filhos. Ou seja, as evidências desse estudo sugeriram que a parentalidade severa ao longo de duas gerações envolveu um aumento do risco de problemas emocionais e comportamentais por parte de crianças educadas em um ambiente familiar hostil (NEPPL *et al.*, 2009).

Já a vivência de um relacionamento positivo e de apoio com os próprios pais tornou os participantes mais propensos a serem construtivos e apoiadores na criação de seus próprios filhos, o que reforça a ideia de que a continuidade da parentalidade positiva é fomentada pelas competências que ela promove no desenvolvimento socioemocional das crianças (NEPPL *et al.*, 2009).

A análise realizada por Silva (2018) propõe a influência que os pais exercem na vida dos filhos, colocando-se como modelos para o desenvolvimento socioemocional, cognitivo e para os comportamentos positivos ou negativos. Considera-se ainda que, mesmo que os modelos dos pais sejam transformados ou evitados, os filhos partem desse padrão para se organizarem, ressaltando a transmissão transgeracional da temática (SILVA, 2018).

Para Silva (2018), a noção de transmissão intergeracional de comportamentos de risco sugeriu que os pais precisam ter cuidado não apenas com o que ensinam a seus filhos, mas também sobre como eles se comportam, pois ambos são importantes fontes de influência sobre a segurança dos filhos e os comportamentos de risco que conduziram a situações de insegurança. Ou seja, a maneira como os pais ensinam seus filhos influencia a maneira como a criança se comporta atualmente, mas como a criança vê o comportamento dos pais afeta a forma como ela pretende se comportar na fase adulta (MORRONGIELLO *et al.*, 2008). Exemplos de como a influência da família é forte podem ser vistos no modelo de comportamento que os pais são para os filhos. Articula-se que os pais moldam as atitudes dos filhos a partir da comunicação de seus valores e

expectativas por meio de comportamentos em diversas temáticas (SIPSM *et al.*, 2010).

É no momento da construção dos vínculos afetivos que as crianças expostas a conflitos conjugais correm o risco de apresentar desregulação emocional, levando a dificuldades nas relações entre pares e interações sociais. Desse modo, reforça-se a ideia de que a parentalidade inconsistente e severa seja um mecanismo significativo para transmitir um envolvimento emocional deficiente em relacionamentos próximos, de modo que as crianças com regulação emocional e desenvolvimento psicossocial prejudicados, tendam a estender essas dificuldades a outras relações (EHRENSAFT *et al.*, 2011).

A identificação com a trajetória conjugal dos pais e a história familiar foram elementos de destaque, sendo encontradas tanto em relação ao pertencimento quanto à diferenciação com a família, de modo que o compartilhamento de experiências cotidianas, a aprendizagem de comportamentos por observação, a comunicação verbal ou informal de valores e expectativas, as tradições familiares e os padrões de interação e comunicação entre os membros da família, foram evidenciados como mecanismos que participaram da transmissão transgeracional de significados e padrões conjugais na família (SILVA, 2018).

Partindo-se do pressuposto que o nível de diferenciação da família de origem e os padrões familiares de relacionamento transmitidos entre as gerações interferem na maneira como as pessoas significam e vivenciam a conjugalidade, considera-se que destacar a história transgeracional das famílias, as transformações influenciadas pelo cotidiano dos casais, das gerações e das demandas individuais podem facilitar a compreensão da influência familiar na atribuição de significados à conjugalidade, o que se mostra importante pelo reflexo direto que os grupos familiares exercem na organização da sociedade (SILVA, 2018).

A transmissão psíquica ocorre por mecanismos de identificação e por investimento libidinal de representações fantasmáticas que procedem de uma forma de organização do psiquismo do sujeito. Portanto, a transgeracionalidade

psíquica comporta a alienação do sujeito e, por conseguinte a violência dos seus efeitos devastadores e enquanto patologia vincular intersubjetiva, por consequência dos traumas acumulados. Estes também herdados pela transmissão referem-se à perda ou à limitação dos elementos que garantiriam os referenciais sociais e metapsíquicos (REHBEIN; CHATELARD, 2013).

Salienta-se que os estudos propõem a influência que os pais exercem na vida dos filhos, colocando-se como modelos para o desenvolvimento socioemocional, cognitivo e para os comportamentos positivos ou negativos. Considera-se ainda que, mesmo que os modelos dos pais sejam transformados ou evitados, os filhos partem desse padrão para se organizarem, ressaltando a transmissão transgeracional da temática (SILVA, 2018).

3.2.3 Dimensão psicossocial

A experiência de violência familiar exerce uma influência significativa também na transmissão de comportamentos antissociais entre gerações. Os mecanismos pelos quais a violência por parceiro íntimo pode contribuir para a transmissão intergeracional do comportamento antissocial, considera que a exposição precoce das crianças a essa vivência é um risco para sua continuidade. Os resultados sugeriram que a violência por parceiro íntimo elevou o risco de problemas de externalização entre os filhos, de transtorno de estresse pós-traumático parental, transtorno de uso de álcool dois anos depois, além de níveis mais altos de expressividade emocional, agressividade, reatividade hostil e humor depressivo entre os descendentes (EHRENSAFT; COHEN, 2012).

Em relação ao uso abusivo de psicoativos, a transmissão transgeracional da dependência química pode acontecer por meio de rituais, crenças e regras que regulam as interações familiares, constituindo-se como uma conduta apreendida e que influencia os familiares envolvidos. Os sistemas familiares direcionam formas determinadas de pensar e interagir em sociedade entre seus membros por meio de sua estrutura, dos padrões de comportamento, dos laços emocionais

e das histórias compartilhadas. Considerando os fatores biológico, psicológico e social, as influências originadas no ambiente familiar, principalmente as parentais, podem se configurar em padrões disfuncionais que se mostram relevantes para o desenvolvimento do abuso e dependência de álcool e drogas em seus descendentes (BOTTI *et al.*, 2014).

As associações entre o tabagismo parental e o uso regular por seus filhos também foram comprovadas em estudos que sugeriram que os padrões de tabagismo dos pais têm influência duradoura sobre seus filhos (BROOK *et al.*, 2013; MELCHIOR *et al.*, 2010). Portanto, há duas possibilidades para a transmissão transgeracional do tabagismo. A primeira ressalta a influência de mecanismos ambientais, entre eles a influência psicológica do tabagismo dos pais no comportamento dos jovens, a transmissão parental de normas positivas sobre o tabagismo e a tolerância dos pais ao tabagismo dos jovens; a segunda possibilidade destaca os mecanismos biológicos, como a influência da carga genética dos pais no desenvolvimento cerebral e predisposição ao tabaco (MELCHIOR *et al.*, 2010).

Outro aspecto relevante trata dos transtornos alimentares, sendo que a obesidade acaba sendo assumida como um modelo de lealdade e pertencimento ao grupo familiar, dificultando o processo de diferenciação entre os membros (TASSARA *et al.*, 2010). Ressalta-se a ideia de que as experiências vivenciadas na família de origem podem influenciar o comportamento alimentar desordenado dos filhos adultos (para a falta ou para o excesso), a partir da aprendizagem de padrões distorcidos sobre imagem corporal e da construção de expectativas que desorganizam a alimentação (ANNUS *et al.*, 2007). O alimento muitas vezes pode assumir uma função afetiva que contribui para a construção dos vínculos das pessoas com seus familiares, com destaque às relações mãe-filha (ADAMI-LAUAND; RIBEIRO, 2011).

Acerca dos atributos sociais, tem-se a escolha pela profissão onde seguir a atividade profissional dos familiares, é algo considerado como um caminho “natural”, como se já tivesse sido traçado. A influência da família na escolha profissional dos participantes não se deu de forma explícita, ou seja, não houve, na maioria dos casos, desejo expresso verbalmente de que os filhos/netos

seguissem a mesma profissão. Ao escolher a mesma profissão dos pais/avós, os sujeitos dão continuidade ao legado familiar, porém sentem uma necessidade de diferenciar-se, apropriando-se da profissão e fazendo “do seu jeito”, reafirmando, assim, a sua individualidade (BACAL; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

A busca pela diferenciação, em alguns casos, está relacionada à forma de lidar com a carga do sobrenome – ou do nome, em caso de repetição deste – que carregam devido ao grande prestígio da família na área profissional. Pode-se dizer que a transmissão geracional da profissão na contemporaneidade existe, porém não enraizada de modo tão literal, como se dava no passado, quando as terras ou o estabelecimento de trabalho eram necessariamente passados de pai para filho (BACAL; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Pode-se considerar que esses membros estão inseridos em um projeto familiar e receberam a profissão dos pais como herança para darem continuidade; assim, cada geração transmite aos seus descendentes aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade da sua herança (TOMIZAKI, 2010).

Para os membros da segunda e da terceira geração, é difícil compreender e explicar o que os levou a escolher a profissão. Isto não fica claro por lhes parecer tão natural. Observou-se que o processo de diferenciação ocorre de forma menos nítida e, muitas vezes, velada na segunda geração e se fortalece na terceira geração. Os representantes da terceira geração demonstram que não se sentem confortáveis ao serem protegidos pela família no âmbito profissional. A busca por um caminho diferente, ou seja, sem a ajuda evidente dos familiares, gera um sentimento de conquista e de mérito próprio, bem como permite uma diferenciação maior daquele sistema (BACAL; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Apropriar-se da profissão e traçar sua trajetória de modo singular implica sair do lugar de herdeiro passivo, apropriando-se do seu destino com autoria. É conseguir conjugar a herança da tradição familiar com aquilo que lhe é singular, apoderando-se do que lhe foi legado, porém de forma mais independente e

autônoma. Significa também não viver à sombra dos pais/avós e não depender de sua fama ou reconhecimento (BACAL; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Considerando-se a circulação de uma herança psíquica comprometida entre os membros da família, essa categoria temática ilustra a repetição de acontecimentos adoecidos e a reatualização de sofrimentos não elaborados na história familiar, a partir de estudos que discutem temáticas transmitidas transgeracionalmente, como a violência, o incesto, o tabagismo, a dependência química, os transtornos alimentares, a obesidade, a ansiedade e o transtorno de estresse pós-traumático. Reforça-se, assim, a importância de intervenções que considerem o grupo familiar, e não somente estimule cuidados a partir de um viés individual (SILVA, 2018).

4 CONCLUSÕES

Os autores estudados, referenciados nos artigos que embasaram esse estudo científico, demonstram nas diferentes abordagens teóricas apresentadas, a confirmação da transgeracionalidade como influência na formação da personalidade dos indivíduos.

No viés da psicanálise, o indivíduo buscará compreender esses processos que influenciam na transmissão psíquica geracional, sustentada por mecanismos de identificação, com o Inter jogo de projeções/introjeções e incorporações, além do importante reconhecimento da alienação da subjetividade e suas falhas na transmissão psíquica dando uma nova dimensão clínica das patologias da modernidade. Para a psicanalista francesa Evelyn Granjon (2000), a família, por herança recebida e formadora dos seus componentes, se manifesta nos espaços intersubjetivo (distúrbio da relação e comunicação), intrapsíquico e transpsíquico (parte comum e indiferenciada do grupo), sendo que as disfunções podem se originar nas identificações primárias e, posteriormente, edípicas que

as mensagens negativas da transmissão transgeracional vão se fazendo presentes na organização psíquica da criança nos processos de identificação.

No viés da teoria sistêmica, os autores estudados, também evidenciam a importância da transgeracionalidade na formação da personalidade do indivíduo, uma vez que, para Falcke & Wagner (2005), frequentemente, muitas vivências experimentadas na família de origem são repetidas na família atual pela conjugalidade, ainda que as expectativas tenham sido outras. Os mesmos autores, Falcke & Wagner (2005, p. 28) afirmam que:

[...] o fenômeno da transgeracionalidade pode ser definido como um processo de transmissão familiar que faz parte da própria estruturação do núcleo da família e que é responsável pela perpetuação dos legados, valores e crenças entre gerações sucessivas.

Nessa perspectiva, importante se faz analisar as gerações anteriores de um indivíduo, com o objetivo de conhecer os aspectos transgeracionais que influenciam a formação da personalidade, dada a interdependência existente com toda a história pregressa destes indivíduos. Assim, o núcleo familiar, por ter suas relações interpessoais próprias e singulares, pode transmitir os mais diversos modelos de comportamento e vivência para seus (as) filhos (as), (BOTTON *et al.*, 2015, p. 43).

São as experiências socializadoras dos indivíduos, em especial aquelas mantidas no ambiente familiar, que definirão as possibilidades e limites de suas trajetórias. Sendo assim, a personalidade é resultante de todos os fenômenos que estão intimamente ligados ao que cada geração transmitir, a partir do que é considerado fundamental para a continuidade do legado familiar.

O presente artigo favoreceu sobremaneira, a compreensão da formação da personalidade dos indivíduos e os fatores preponderantes que interferem na vida emocional, conjugal, profissional, da escolha de gênero e das repetições de valores e legados familiares, nos diferentes aspectos.

REFERÊNCIAS

ADAMI-LAUAND, C. B.; RIBEIRO, R. P. P. A herança transgeracional nos transtornos alimentares: algumas reflexões. **Psicologia USP**, 22(4), pp. 927-942. 2011.

ANDOLFI, M. Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1989. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM, Uberaba/MG, 2018.

ANNUS, A. M.; SMITH, G. T.; FISCHER, S.; HENDRICKS, M. & WILLIAMS, S. F. (2007). Associations among Family-of-origin food-related experiences, expectancies, and disordered eatins. *International Journal of Eating Disorders*, 40, 179-186. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

AZEVEDO, L. J. C. C. Transgeracionalidade, família e origem: um ensaio preliminar sobre as patologias da herança. **CES Psicol**, Medellín, v. 15, n. 1, p. 201-216, 2022.

BACAL, M. E. A.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Transmissão Geracional da Profissão na Família: Repetição e Diferenciação. **Psico**, v. 45, n. 4, p. 454-462, 2014.

BELLO, L. D.; MARRA, M. M. O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos. **Rev. bras. psicodrama**, v. 28, n. 2, p. 118-130, 2020.

BOTTI, N. C. L.; MACHADO, J. S. A.; TAMEIRÃO, F. V.; COSTA, B. T. e BENJAMIN, M. L. N. (2014). Funcionamento transgeracional de famílias de usuários de crack. *Psicologia Argumento*, 32 (76), pp. 45-55. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

BOTTON, A., CÚNICO, S. D., BARCINSKI, M., STREY, M. N. Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. **Pensando famílias**, v. 19, n. 2, p. 43-56, 2015.

BOWEN, M. **La terapia familiar en la practica clinica**. Vol. I – Fundamentos teóricos. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer, 1998, 79-95.

BROOK, J. S.; RUBENSTONE, E.; ZHANG, C.; FINCH, S. J. & BROOK, D. W. (2013). The intergenerational transmission of smoking in adulthood: a 25-year study of maternal and offspring maladaptive attributes. *Addictive Behaviors*,

38(7), 2361-2369. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

CAMICIA, E. G.; SILVA, S. B.; SCHMIDT, B. Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. **Pensando fam.**, v. 20, n. 1, p. 68-82, 2016.

COELHO, S. V. Parte III – Abordagens psicossociais da família. In: AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E.; COELHO, S. V. (Orgs.). Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: Casamento e transgeracionalidade 115 volume I – **Fundamentos teóricos e epistemológicos**. 3. ed. pp. 175-263. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2012.

CORREA, O. B. R. (Org.). Eclosão dos vínculos genealógicos e transmissão psíquica. In: CORREA, O. B. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000. pp. 61-71.

EHRENSAFT, M. K., KNOUS-WESTFALL, H. M., & COHEN, P. (2011). Direct and indirect transmission of relationship functioning across generations. *Journal of Family Psychology*, 25 (6), 942-952.

EHRENSAFT, M. K.; COHEN, P. (2012). Contribution of Family violence to the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Prevention Science*, 13, 370-383. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Coord.). **Como se perpetua a família?** a transmissão dos modelos familiares. 1. ed., p. 25-46, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, T. & MAGALHÃES, A.S. (2005) Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: T. Féres-Carneiro, *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp.111-121). Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, 2005.

GRANJON, E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA, O. (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000. pp. 17-43.

GOMES, P. B. M. B. **Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. 2000. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2000.

GROISMAN, M. **Família é Deus**: Descubra como a família define quem você é. 1. ed. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas Eldorado, 2000.

HECKLER, V. I.; MOSMANN, C. Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: Compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. **Barbarói**, v. 41, p. 119-147, 2014.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S.; COUTO, M. C. P. & HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. pp. 39-54.

KUNG, W. W. Rating scale of therapists' systemic responses in an individual treatment contexto. **Family Process**, v. 39, n. 2, p. 207-217, 2000.

MARTINS, E.M.A. **Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen**. 2005. pp. 139-157. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2005.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.

McGOLDRICK, M. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, B. & McGOLDRICK, M. (Orgs.). **A mudança do ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar, 2. ed., pp. 184-205, Porto Alegre: Artmed, 2011.

McGOLDRICK, M.; GERSON, R.; PETRY, S. **Genogramas**: avaliação e intervenção familiar. 3. ed.. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MELCHIOR, M.; CHASTANG, J. F.; MACKINNON, D.; GALÉRA, C. & FOMGONNE, E. (2010). The intergenerational transmission of tobacco smoking – The role of parents' long-term smoking trajectories. *Drug and Alcohol Dependence*, 107, pp. 257-260. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

MORRONGIELLO, B. A. *et al.* "Do as I say, not as I do": family influences on children's safety and risk behaviors. *Health Psychology*, v. 27, n. 4, pp. 498-503, 2008.

NEPPL, T. K.; CONGER, R. D.; SCARAMELLA, L. V.; & ONTAI, L. L. (2009). Intergerational continuity in parenting behavior: mediating pathways and child effects. *Desenlopmental Psychology*, 45 (5), pp. 1241-1256. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

PAIVA, M. L. S. C. **A transmissão psíquica e a constituição do vínculo conjugal**. 2009. 178 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

REHBEIN, M. P.; CHATELARD, D. S. Transgeracionalidade psíquica: Uma revisão de literatura. *Fractal, Rev. de Psicol.*, 25(3), pp. 563-584, 2013.

ROSSANO, M. J. The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. **Psychological Bulletin**, 138(3), pp. 529-549, 2012.

SANTOS, V. O.; GHAZZI, M. S. A transmissão psíquica geracional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, pp. 632-647, 2012.

SCHMIDT, B. *et al.* Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 3, pp. 871-890, 2015.

SCHULZ, C.; COLOSSI, P. M. A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. **Pensando fam.**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, pp. 45-64, jun. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 1, pp. 141-160, 2016.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Família interdita: Transgeracionalidade e subjetivação em três obras ficcionais. **Psicologia em Estudo**, 17(2), pp. 255-266, 2012.

SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM, Uberaba/ MG, 2018.

SIMONS, L. G., SIMONS, R. L., LANDOR, A. M., BRYANT, C. M., & BEACH, S. R. H. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among african americans. *Journal of Family Psychology*, 28(3), 368-379.

SIPSMA, H.; BIELLO, K. B.; COLE-LEWIS, H.; KERSHAW, T. Like father, like son: the intergenerational cycle of adolescent fatherhood. **American Journal of Public Health**, 100, pp. 517-524, 2010. Checado

TASSARA, V.; NORTON, R. C. & MARQUES, W. E. U. (2010). Importância do contexto sociofamiliar na abordagem de crianças obesas. *Revista Paulista de Pediatria*, 28(3), 309-314. In: SILVA, J. D. A. **Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações**. UFTM. Uberaba, 2018.

TOMIZAKI, K. (2010). Transmitir e herdar: O estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação e Sociedade*, 31(111), 327-346.

WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

WAGNER, A.; PREDEBON, J. & FALCKE, D. Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? In: WAGNER, A. (Org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. pp. 93-105.

WHITTON, S. W.; RHOADES, G. K., STANLEY, S. M.; & MARKMAN, H. J. (2008). Effects of parental divorce on marital commitment and confidence. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 789-793.